



Claquete – Cinema Europeu ¹

Leonice Carla de Oliveira Gomes²

Luiz Fernando da Silva Brumana³

Gilda Soares Miranda⁴

Centro Universitário Vila Vela

RESUMO

A plástica e a técnica dos filmes norte americanos estão impregnadas na nossa cultura, a tal ponto, que dificulta o acesso e em conseqüência o desenvolvimento de um senso crítico para outros olhares fílmicos. O programa de rádio Claquete – Cinema Europeu propõe aos ouvintes experimentar um cinema diferente, fora do circuito comercial e, portanto, menos acessível. Questões intrínsecas à estética cinematográfica de Pedro Almodóvar como: a predominância do vermelho, as variadas faces da sexualidade e seus preconceitos, a figura feminina que perpassa por toda a obra do cineasta, são algumas discussões levantadas pelo programa, que foi ao ar na Rádio Poste UVV, uma rádio laboratório dos alunos de jornalismo, do Centro Universitário Vila Velha. Aos ouvintes foi apresentada a chance de conhecer possibilidades diferentes da Sétima Arte.

Palavras chave: Rádio; Cultura; Cinema Europeu; Pedro Almodóvar.

1 INTRODUÇÃO

A escolha pela abordagem européia foi uma forma pacífica de protestar contra os “enlatados americanos” que deturpam os conceitos de arte em favor dos ditames do mercado. Um dos ícones do Cinema Novo, Glauber Rocha, no auge da sua militância, na conturbada década de 1960 disse: “a maioria dos críticos, em geral, se especializa em cinema americano, porque é mais fácil falar desses filmes sem maiores preocupações culturais.” (ROCHA, 2003 p. 34). Nossos colonizadores fizeram muito bem o dever de casa. Mais de quarenta anos depois que Rocha questionava a formação de um “pensamento cinematográfico brasileiro”, suas palavras ainda retratam o cenário do cinema comercial no Brasil.

Diante desta perspectiva, os alunos do quinto período de jornalismo do Centro Universitário Vila Velha, Juliana Gotardo, Leonice Carla de Oliveira Gomes, Luiz Fernando Brumana da Silva e Manoela Chiabai, encontraram um denominador comum: amor pelo cinema e resistência à visão mercadológica vigente.

¹ Trabalho submetido ao XVI Prêmio Expocom 2009, na Categoria Jornalismo, modalidade Documentário em áudio.

² Aluno líder do grupo e estudante do 5º. Semestre do Curso Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, email: kikataki@hotmail.com

³ Estudante do 5º. Semestre do Curso Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, email: lfbrumana@bol.com.br.

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Curso Comunicação Social da UVV, email: gildasmiranda@yahoo.com.br.



Segundo Nemo (2005) é muito complexo delimitar as fronteiras do Ocidente ao considerar que sua formação se deve às contribuições dos gregos e romanos; a ética e escatologia bíblica; a Revolução Papal e as revoluções democráticas. Assim a Europa é a referência da civilização ocidental. Protagonista de revoluções e invenções que mudaram o curso da história do mundo. E quando o tema é cinema, não é diferente. Oficialmente os irmãos franceses, Louis e Auguste Lumiere são considerados os inventores do cinema. Em 28 de dezembro de 1895 eles fizeram a primeira sessão para 33 pessoas num café de Paris. Desde então o cinema não para. Conquistou autonomia, ganhou *status* de indústria e movimentou um mercado em franca ascensão.

A economia que mais cresce atualmente é a da cultura. Uma em cada 16 pessoas empregadas no planeta trabalha em atividades relativas à cultura e ao lazer, formando uma estrutura que sustenta 212 bilhões de empregos. A produção cultural e o entretenimento representam quase 20% do PIB das grandes potências (RODRIGUES, 2002, p. 9).

A participação das potências européias na indústria cinematográfica não é somente econômica. A Europa também foi cenário de movimentos e personalidades que caracterizaram a linguagem cinematográfica de um determinado período e serviu de escola para o resto do mundo.

A *nouvelle Vague*, como movimento, surgiu por volta de 1958. De um lado, jovens documentaristas, na sua maioria técnicos, assistentes e estagiários, que viam no meio de produção a única forma de uma tomada de consciência da realização artística e contrária ao sistema econômico e cultural vigente; de outro, uma facção formada de jovens críticos de cinema, redatores de uma revista que permitia os estudos teóricos de cinema: *Chaiers du cinéma* (RODRIGUES, 2002, p18).

François Truffaut, Claude Chabrol, Jean-Luc Godard, Eric Rohmer, André Bazin, Jacques Rivette, todos eram apaixonados pelo cinema, referências na classe artística e absolutamente insatisfeitos com as produções do mercado. Eles estavam tomados pela necessidade de mudanças e promoveram um dos movimentos mais significativos do cinema francês: a *Nouvelle Vague*.

A Itália, outrora uma grande potência no cinema, perde seu glamour com os estragos da Segunda Guerra Mundial. O neo-realismo italiano retrata a vida cotidiana do pós-guerra: a vida no campo, delinquência, as pessoas desesperadas atrás de emprego. Então os cineastas se voltam para as questões sociais, econômicas e políticas da Itália. “Roma,



cidade aberta” de Roberto Rossellini, “Ladrões de bicicleta” de Vittorio de Sica, “A estrada da vida”, de Federico Fellini, são algumas das obras mais importantes do período. Nessa época, o cinema foi usado como forma de resistência e protesto contra a decadência humana que a Itália passava.

Mas ainda necessitava de algum evento para aglutinar essas produções. Um espaço onde se promovesse exhibições, encontros e discussões políticas e estéticas sobre cinema. A Europa é a sede de festivais de importância mundial. Entre eles, destaque para o de Cannes, na França, que acontece sempre no mês de maio e o de Berlim, na Alemanha, em fevereiro. Definitivamente o cinema europeu tem muito que mostrar. Logo na introdução do livro “A estética do filme” o autor francês Jacques Aumont e outros, esclarecem: “todo ano as editoras francesas publicam cerca de cem livros consagrados ao cinema. [...] O colecionador não sabe onde empilhar suas revistas e livros, o neófito não sabe pelo que optar.” (AUMONT, 1995 p. 9) Com tanta profusão cultural do cinema europeu, ficou claro para o grupo a urgência de promover canais alternativos para divulgação do mesmo.

2 OBJETIVO

Despertar no público o apreço e o hábito pelo cinema europeu por meio do rodiodocumentário. Este foi o principal objetivo dos alunos ao definir a temática do programa experimental. Por vinte minutos, tempo de duração do claquete - Cinema Europeu, o ouvinte teve a oportunidade de conhecer um pouco os bastidores e a história do cinema do Velho Mundo. O que motivou os alunos a criarem um espaço para se discutir os filmes produzidos fora de Hollywood foi o que nós consideramos ser uma “miopia do mercado”.

A conquista dos grandes mercados do exterior não se fará com a produção de subcultura, desde que, pura contradição, as grandes indústrias do mundo já começam a ser destruídas pelo cinema de autor: a nouvelle vague francesa, os autores italianos, os independentes americanos, ingleses e mesmo a nova geração rebelde soviética, jogam embaixo, com luta persistente, os mitos enraizados por Hollywood (ROCHA, 2003, p. 40).

A idéia do grupo não foi crucificar a indústria hollywoodiana, afinal, “Cidadão Kane” de Orson Welles, há mais de quarenta anos é considerado o melhor filme na história do cinema. Mas que se tenha espaço para discutir outras perspectivas.



Por tanto nosso compromisso com a produção experimental de rádio, foi contribuir com o enriquecimento intelectual dos nossos ouvintes, estudantes universitários da UVV, onde fica localizada a Rádio Poste, ao difundir outras culturas que o cinema retrata. Acredita-se que os jovens precisam estar cientes das formas diferentes de comunicar um mesmo assunto. O cinema americano é diferente do latino, que é diferente do indiano que por sua vez é diferente do cinema europeu e assim sucessivamente. Nem melhor nem pior, apenas diferente.

Tal consciência permite distinguir uma estética da outra. Segmentos distintos dentro do universo cinematográfico. Walter Benjamin, em seu célebre ensaio “A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica” já defendia a democratização da arte, mesmo que através da reprodução, “a massa é matriz de onde emana, no momento atual, todo um conjunto de atitudes novas com relação à arte. A quantidade tornou-se qualidade. O crescimento maciço do número de participantes transformou o seu modo de participação” (BENJAMIN, 1975, P. 31). A arte é transformadora, mas para que a transformação de fato aconteça e se desenvolva um senso crítico e estético é fundamental que se promova o contato.

Para tanto cabe a todos nós viabilizar de alguma forma esse contato. O debate sobre o cinema é uma ferramenta valiosíssima que pode estar nas salas de aula, nos corredores e pátios das escolas, desde o ensino fundamental até as universidades.

A partir do momento em que estamos expostos a um mundo cheio de linguagens diversas, temos de nos preparar para entender criticamente o que elas nos oferecem. Interpretar, produzir e reproduzir. Cabe à escola explorar e trabalhar o cruzamento dessas linguagens, a fim de preparar o aluno para enfrentar as novas realidades geradas pelos meios de comunicação. (ALMEIDA SILVA, 1996, P.106).

A escola pode utilizar a temática para ensinar não apenas a relevância do meio de comunicação, mas, sobretudo, para refletir valores sociais. E para explorar todo o potencial educador do cinema, a diversidade tem que estar facilmente acessível. O programa experimental de rádio ao debater o cinema europeu buscou despertar no público novos olhares.



3 JUSTIFICATIVA

O Brasil é tão exaustivamente bombardeado pela indústria cinematográfica hollywoodiana que esta virou referência para o grande público. De tal modo, que as crianças são iniciadas bem cedo para o consumo de filmes de animação americanos. Depois é a vez dos adolescentes, um voluptuoso quinhão na engrenagem mercadológica, eles recebem os “enlatados” sem reclamar. Quando chega a idade adulta, o indivíduo já está tão acostumado que nem lhe causa estranheza o fato de ter pouco espaço no circuito comercial para filmes europeus, indianos, africanos, etc.

Por aqui, a hegemonia americana começou há cinquenta anos. Dados da Unesco mostram que o cinema americano já respondia por mais de 75% das importações brasileiras de filmes em 1968, que por sua vez, supriam 90% do mercado. Nos anos 80, dados da Embrafilme indicam que 50% a 60% das exibições em cinema eram provenientes dos Estados Unidos.(ACKERMANN, 2009)

O cinema é muito maior que Hollywood. É absolutamente necessário o contato com culturas diferentes. A percepção do desinteresse dos canais de distribuição com filmes europeus, somado à falta de iniciativas políticas que promovam mudanças no setor, levou o grupo a fazer do rádio, veículo democrático, o amenizador das distâncias culturais. Diante desse cenário, os alunos de jornalismo da UVV, viram na Rádio Poste a chance de abrirem uma frente de discussão de alcance restrito, pois está dentro da faculdade, mas forte o suficiente para despertar alguma inquietação.

Na mesma direção também foi a escolha pela obra do cineasta espanhol Pedro Almodóvar. Por meio da sua filmografia, busca-se mostrar o compromisso do programa com interesses que ultrapassam os âmbitos do entretenimento. Os filmes de Almodóvar são impregnados da complexidade que exige a discussão de temas como sexo, drogas, AIDS, crimes passionais, discriminação, entre outros. Mas, ironicamente, o reconhecimento da importância da obra de Almodóvar veio somente depois que ele passou pelo tapete vermelho de Hollywood.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS



A proposta deste trabalho pelo grupo começou a partir de uma situação real, quando se constatou a dificuldade de encontrar nas locadoras de vídeo da nossa cidade, Vila Velha, no Espírito Santo, alguns títulos como: “Matador” de Pedro Almodóvar; filmes do cineasta sérvio, Emir Kusturica, ou obras do movimento Dogma 95, como o europeu “Festa de família”. Um comentário na sala de aula sobre a situação foi suficiente para desencadear uma calorosa discussão sobre a indústria cultural e a responsabilidade dos veículos de comunicação.

Segundo Adorno “No trajecto da mitologia à logística, o pensamento perdeu o elemento da reflexão sobre si mesmo, e hoje a maquinaria mutila os homens, mesmo quando os alimenta.” (ADORNO, 2009). A mídia desempenha um papel de grande importância na formação da sociedade contemporânea, afinal, para muitos indivíduos é a principal, e as vezes até a única, fonte de informação.

Depois de tanto debate sentir-se indignado era muito pouco, o assunto pedia uma atitude. Surgia ali a semente do programa de rádio Claquete - Cinema Europeu, dentro da disciplina Laboratório de Radiojornalismo, ministrada pela professora Gilda Soares Miranda. Utilizar o rádio para promover o cinema tornava a proposta ainda mais desafiadora. O rádio é um veículo absolutamente sonoro, com a vantagem do alcance, mas com o a desvantagem da dispersão. Armand Balsebre pergunta se “teria o rádio uma linguagem específica” a que ele mesmo responde:

A linguagem radiofônica é o conjunto de formas sonoras e não sonoras representadas pelos sistemas expressivos da palavra, da música, dos efeitos sonoros e do silêncio, cuja significação vem determinada pelo conjunto dos recursos técnicos/expressivos da reprodução sonora e o conjunto de fatores que caracterizam o processo de percepção sonora e imaginativo-visual dos ouvintes (BALSEBRE, 1994 p 250).

Então precisávamos aguçar o “imaginativo-visual” dos nossos ouvintes. Para isso foi preciso reuniões, pesquisas na *web*, visitas à biblioteca da faculdade, orientação da professora de radiojornalismo, Gilda Soares Miranda e audição de outros programas de rádio produzidos por alunos do curso de jornalismo. Este foi o método utilizado para alcançarmos o resultado pretendido e a sinergia que procurávamos. Por ser do gênero documentário, Claquete - Cinema Europeu exigiu mais acuidade da produção porque era preciso diluir a informação com auxílio da sonoplastia de maneira que o programa ficasse leve visando facilitar a compreensão do ouvinte.



Portanto era necessário uma abordagem inteligente e com muito senso de humor. Um bate-papo entre pessoas de preferências diferentes, mas afinadas com o cinema. O resultado foi positivo, pois imprimiu um caráter eclético ao programa. Foi um desafio conciliar quatro pessoas discutindo um tema comum e o critério para definir o que entraria na pauta, foi o grau de importância de cada informação. Desde o início foi determinado que os componentes do grupo participariam de todas as etapas – pauta, entrevistas, *script*, locução, edição e montagem. Assim teríamos contato com todas as fases na produção de um programa de rádio.

Começamos com uma reunião de pauta para definirmos o mote do programa. Depois foi a vez do script, quando elaboramos os quadros, o tema da enquête, o levantamento das possíveis fontes, discriminação dos filmes que seriam pontuados e, concomitantemente, a seleção da trilha sonora dos mesmos. Foi consenso que o recurso sobre som seria explorado ao máximo. Quando sobre o volume da música de fundo para que a trilha ou sonoplastia faça um casamento perfeito com o texto do locutor. Depois que a fase do planejamento estava concluída, partimos para a fase da execução e fomos a campo.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Claquete Cinema Europeu é um programa produzido no horário de aula pelos alunos do 5º período de jornalismo, sob orientação da professora Gilda Soares Miranda e dos técnicos Jean Mariano e Geovany Wandekoken. Tem duração de vinte minutos. É transmitido sempre nos intervalos das aulas, manhã, tarde e noite. Vai ao ar na Rádio Poste, rádio laboratório do curso de jornalismo da UVV e também uma execução na Rádio CBN Vitória.

É dividido em três blocos separados por duas músicas tema do programa. A programação é mesclada com matérias, enquête, entrevista, dicas e curiosidades e no final um bate papo descontraído entre os locutores. A trilha e sonoplastia receberam atenção especial. Na falta da imagem, o elemento mais forte do cinema, exploramos as possibilidades sensoriais do sentir o som. Para Norval Baitello Junior, no artigo “A cultura do ouvir”, a humanidade apreende o som não somente pelo ouvido, mas por toda a extensão do corpo, “som é vibração. E vibração opera sobre a pele. Podemos dizer, portanto, que toda voz e todo som é um tipo de massagem. É uma estimulação tátil, uma



massagem sutil.” (BAITELLO JUNIOR, 1997 p. 16). Sendo a pele o maior órgão do corpo humano, logo, a vibração produzida pelo programa percorreria totalmente o ouvinte. Daí a importância da trilha em ocupar a lacuna deixada pela imagem.

A opção pelo gênero documentário também foi muito conversado, porque era preciso o aproveitamento máximo do tempo disponível na grade. Sem perder de vista que nos vinte minutos do programa estavam incluídos vinheta, *spot* e duas músicas.

O documentário radiofônico aborda um determinado tema em profundidade. Baseia-se em uma pesquisa de dados e de arquivos sonoros, reconstituindo ou analisando um fato importante. Inclui, ainda, recursos de sonoplastia, envolvendo montagens e a elaboração de um roteiro prévio. (FERRERATTO, 2000, p 57).

A relevância de cada informação apurada pelo grupo foi o critério mais importante na hora de decidir o que entraria na programação. Como é a entrevista que credibiliza uma matéria, considerando a escolher correta da fonte, não seria sensato economizá-la. A solução foi contextualizar os aspectos mais importantes e aprofundar a entrevista.

Junto com o estudo técnico e bibliográfico sobre a linguagem radiofônica, foi realizada uma pesquisa sobre os possíveis cineastas europeus que o programa poderia discutir. Com folga, Pedro Almodóvar foi escolhido. A marca autoral que seus filmes imprimem e a relevância dos temas abordados na sua filmografia é de importância universal. Regina Casé, no prefácio da ficção “Fogo nas entranhas” de Pedro Almodóvar simplifica, “Quase todos os filmes de Pedro Almodóvar são assim: acontecem logo de cara coisas incríveis e escabrosas. Com muita naturalidade e sem nenhum julgamento moral” (CASÉ, 2000 p. 7). Por mais escabroso que um personagem possa parecer, em se tratando de Almodóvar, sempre há a possibilidade de perdô-lo, ou até mesmo se apaixonar por aquele personagem. Em “Fale com ela” é possível perdoar Benigno, já em “Tudo sobre minha mãe” é difícil não se apaixonar por Agrado.

Em toda obra do cineasta espanhol Pedro Almodóvar, há a convicção de que a sustentação da sociedade sempre demanda algum expediente condenável. Uma complementação ao pensamento corrente, uma vez que os argumentos conservadores são formas de ataque aos desvios. Daí, ele consagra a imoralidade como forma de crítica ao esquecimento do corpo e também para brincar com as tradições.” (BARRETO, 2006)

Almodóvar é considerado um dos cineastas de maior expressão na Espanha. Escritor, roteirista, diretor e ator, venceu o preconceito e impôs uma plástica que poderíamos



chamar de “almodovariana”. Odiado por alguns, idolatrados por outros, mas em um ponto é unanimidade, o ouvinte não será o mesmo depois de conhecer o mundo sob as lentes de Pedro Almodóvar.

6 CONSIDERAÇÕES

Em que outro *locus*, senão na escola o experimentar pode ser discutido sem que seja precocemente estrangulado pelo convencional. É no campus que se tem a oportunidade de aplicar tudo que se apreende nas salas de aula. Quando o Educomunicação chegou para romper com a standardização do saber, chamou-nos, alunos, para a responsabilidade de educar ao comunicar. Quando deixarmos para trás a ocupação de “estudantes” e adentrarmos os tortuosos caminhos do mercado quando nos tornarmos “profissionais”, estaremos imbuídos dos valores sociais que apreendemos na escola.

Atuar dentro e fora dos muros, servir de ponto de mediação, de integração e reflexão, saindo do impasse e transitando nos vários territórios, comunicar não apenas os enunciados científicos e técnicos, mas produzir a comunicação de discursos éticos, estéticos e sobretudo políticos que mirem transformações e inclusões sociais – esses, os objetivos do Educomunicador (SCHAUN, 2002 p. 84).

Quando planejamos *Claquete – Cinema Europeu*, tínhamos a consciência que propúnhamos aos ouvintes se abrirem para novas perspectivas. E uma vez desperto não se pode retroceder. “Tudo cabe, tudo pertence, a tudo e a todos se pode e deve incluir”. (PIOVESAN, 2004, p. 45) No rádio cabem todos, independente da condição social, etnia, credo ou escolaridade. Já que por vias convencionais, ou mercantis (?), não cabem discussões cinematográficas desprendidas do ranço da nossa colônia, cultura americana, que seja então a escola o fio condutor. Mas que se cumpra com responsabilidade e respeito a inclusão social ao acessibilizar novas culturas para nosso ouvinte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACKERMANN, Luciana; SILVA, Rose. *Cinema: o império dos sentidos*. Disponível em <http://www.wooz.org.br/cinemaimperio.htm> Acesso em Abril de 2009.



ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **A dialética do esclarecimento**. Disponível em: http://www.robertexto.com/archivo3/a_dialectica_do.htm/ Acesso em Abril de 2009.

ALMEIDA SILVA, Saete Therezinha. A linguagem cinematográfica na escola: uma leitura do O rei leão. In: CITELLI, Adilson (ORG.) **Outras linguagens: publicidade, cinema e TV, rádio, jogos, informática**. São Paulo: Cortez, 2004.

ALMODÓVAR, Pedro. **Fogo nas entranhas**. Trad. Eric Nepomuceno. Rio de Janeiro: Dantes, 2000.

AUMONT, Jacques et al. **A estética do filme**. Trad. Marina Appenzeller. São Paulo: Papyrus, 1995.

BAITELLO JUNIOR, Norval. **A cultura do ouvir**. Seminários especiais de rádio e áudio – arte da escuta – ECO. 1997.2 Disponível em <http://www.cisc.org.br/portal/biblioteca/ouvir.pdf> Acesso em: Abril de 2009.

BARBEIRO, Heródoto. **Manual de radiojornalismo**. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

BARRETO, João. **Ver e contar – cinema, literatura jornalismo**. Vitória: Flor&cultura, 2006

BALSEBRE, Armand. A linguagem radiofônica. In: MEDITSCH, Eduardo (org.) **Teorias do rádio: textos e contextos**. Volume I. Florianópolis: Insular, 2005.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica. In: **Os pensadores**. São Paulo: Abril Cultura, 1975.

CHARAUDEAU, Patrick. Problemas de análises das mídias. In: MEDITSCH, Eduardo (org.) **Teorias do rádio: textos e contextos**. Volume I. Florianópolis: Insular, 2005.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2001.

MECLEISH, Robert. **Produção de rádio: um guia abrangente de produção radiofônica**. Trad. Mauro Silva. São Paulo: Summus, 2001.

NEMO, Philippe. O que é o Ocidente? Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. São Paulo: Martins, 2005.

PIOVESAN, Ângelo. Rádio e educação: uma integração prazerosa. In: BARBOSA FILHO, André; PIOVESAN, Ângelo Pedro; BEBETON, Rosana (org.) **Rádio: sintonia do futuro**. São Paulo: Pulinas, 2004.

ROCHA, Glauber. Revisão crítica do cinema brasileiro. São Paulo: Casca & Naify, 2003

SCHAUN, Ângela. **Educomunicação: reflexos e princípios**. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

FALE com ela. Direção: Pedro Almodóvar. Produção: Agustín Almodóvar. [S.I.]: El Deseo S.A. 2002. DVD cinematográfico.

TUDO sobre minha mãe. Direção: Pedro Almodóvar. Produção: Agustín Almodóvar. [S.I.]: El Deseo S.A.; France 2 Cinéma; Via Digital ; Renn Productions. 1999. DVD cinematográfico.